

A REVOLUÇÃO ONLINE DO RAP: RACIONAIS MC'S E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NAS MÍDIAS DIGITAIS

Andresa Reus Santos Muniz¹

Liége Freitas Barbosa²

Resumo: Fenômeno cultural brasileiro que popularizou o *rap* no país, o grupo Racionais MC's é reconhecido nas mídias por seu engajamento com as lutas raciais desde sua fundação – razão pela qual a Unicamp concedeu o título *doutor honoris causa* pela atuação dos *rappers* enquanto “intelectuais públicos” (Unicamp, 2023). Ao reconhecermos o papel das mídias na produção de sentidos, interessa-nos compreender como esse *rap*, altamente consumido em plataformas digitais e com reconhecida adesão junto ao público jovem periférico brasileiro, atravessa o campo educacional – descolonizando o currículo (Gomes, 2012). Ancoradas na perspectiva pós-crítica dos Estudos Culturais em Educação, a partir do modelo teórico-metodológico do Circuito da Cultura (Du Gay *et al*, 1997), as análises sobre o consumo de mídias (Coutinho; Quartiero, 2009) defendem a potencialidade formativa do gênero *rap* – rompendo hegemonias, ao promover o que Mano Brown denominou “revolução online”. Como material empírico, foram selecionadas postagens de redes sociais, dados consultados em plataformas de *streaming*, bem como excertos de dissertação de mestrado em educação que analisou narrativas pedagógicas presentes na produção musical do grupo. A partir das análises, entendemos que, quando se trata de uma

¹ Andresa Reus Santos Muniz. Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo (PMNH) e Prefeitura Municipal de São Leopoldo (PMSL). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8432-0522>. E-mail: andresa.muniz@edu.saoleopoldo.rs.gov.br.

² Liége Freitas Barbosa. Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3784-2423>. E-mail: liegebarbosa@gmail.com.

juventude conectada, as narrativas de existência e resistência do Racionais MC's são potencialmente pedagógicas.

Palavras-chave: *Rap*; Racionais MC's; Mídias digitais; Produção de sentidos; Pedagogias culturais.

THE ONLINE REVOLUTION OF RAP: RACIONAIS MC'S AND THE DECOLONIZATION OF KNOWLEDGE IN DIGITAL MEDIA

Abstract: Brazilian cultural phenomenon that played a pivotal role in popularizing rap in the country, Racionais MC's is widely recognized in the media for its longstanding engagement with racial justice struggles since its formation. This recognition culminated in the conferral of the honorary doctorate (*Doctor Honoris Causa*) by the University of Campinas (Unicamp), acknowledging the group's members as "public intellectuals" (Unicamp, 2023). By recognizing the role of media in the production of meaning, this study seeks to understand how the group's rap music—widely consumed on digital platforms and particularly influential among young people from Brazil's urban peripheries—intersects with the educational field, contributing to the decolonization of the curriculum (Gomes, 2012). Grounded in the post-critical perspective of Cultural Studies in Education and drawing on the theoretical-methodological framework of the Circuit of Culture (Du Gay et al., 1997), the analysis of media consumption (Coutinho & Quartiero, 2009) highlights the formative potential of rap as a cultural genre capable of challenging hegemonic structures by fostering what Mano Brown has described as an "online revolution." The empirical material comprises social media posts, data collected from streaming platforms, and excerpts from a master's thesis in Education that examined the pedagogical narratives embedded in the group's musical production. The findings suggest that, in the context of a digitally connected youth, the narratives of existence and resistance articulated by Racionais MC's possess significant pedagogical potential.

Keywords: Rap; Racionais MC's; Digital Media; Production of meaning; Cultural pedagogies.

INTRODUÇÃO

Formado por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay no final dos anos 1980, o Racionais MC's consolidou-se como o maior expoente do *rap* nacional através de álbuns emblemáticos e *hits* como *Negro Drama* (2002). A circulação do grupo transita por espectros culturais diversos: em 2024, foram homenageados pela escola de samba *Vai-Vai* (Correio Braziliense, 2024) e pela cantora Madonna (Gshow, 2024) – artista que projetou a imagem de Mano Brown em seu show em Copacabana. No campo político, a relevância da obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997) como testemunho da violência periférica fez do álbum presentes para o Papa Francisco (G1, 2015) e para o presidente Lula (Muniz, p. 114, 2025). Além disso, o documentário *Racionais: das ruas de São Paulo pro mundo* (Netflix, 2022) reafirmou a potência do grupo enquanto fenômeno contemporâneo – alcançando o topo das paradas e vencendo premiações como o *ABC 2023* (Preta Portê Filmes, 2023).

Recentemente, o grupo foi tema do disco *Emicida Racional Volume 2 – Mesmas Cores & Mesmos Valores* (2025), lançado por Emicida nas plataformas de *streaming* como forma de homenagem e agradecimento aos seus “mestres”. Em entrevista, o músico afirma: “Se Mano Brown diz que sua vida foi salva pelo Public Enemy, foi o Racionais quem salvou Emicida” (Isto É, 2025). Releitura das principais canções do quarteto, o disco faz parte da turnê homônima de Emicida e reforça a vanguarda do Racionais no gênero *rap*.

Mesmo sem lançamentos inéditos há cerca de 12 anos, o grupo mantém presença vibrante e atemporal nas mídias digitais. O *podcast* *Mano a Mano*, premiado no *CCXP Awards* 2022, tornou-se espaço de debates raciais e políticos essenciais. No *streaming*, alguns números impressionam: o álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002) permaneceu por mais de 227 semanas no *Top Álbuns* do *Spotify* Brasil (Boogie Naípe, 2025), enquanto o grupo supera a marca de 28 milhões de



espectadores no *YouTube Music* (2026). Essa autoridade na luta racial, pautada em narrativas sobre identidades periféricas e denúncias contra o racismo estrutural, confere ao grupo uma legitimidade discursiva.

Ao contemplar a Lei nº 10.639/03 e sua obrigatoriedade quanto ao ensino da história e cultura afro-brasileira, os exemplos reunidos endossam o argumento de que o *rap* do Racionais MC's atua como pedagogias que ensinam à juventude negra periférica determinados modos de ser e viver na contemporaneidade – e é isso que o presente estudo pretende elucidar. Ancoradas nos Estudos Culturais (Hall, 2016; Camozzato, 2014), as análises buscaram demonstrar como o *rap* do Racionais MC's atua como pedagogia cultural – rompendo hegemonias escolares e acadêmicas.

SOBRE CIRCUITO DA CULTURA E CONSUMO DE MÍDIAS

“Verso mínimo, lírico, de um universo onírico/ Cada maloqueiro tem um saber empírico”. (Crioulo, 2014)

O saber periférico é pulsante. Comumente pautado na (sobre)vivência, ele constitui-se através das experiências individuais e coletivas de sujeitos marginalizados. Produzido por meio da observação, carrega narrativas viscerais de suas comunidades – preservando-as em termos históricos e, sobretudo, culturais. Também chamado de senso comum, o saber empírico é aquele transmitido oralmente, de geração em geração – especialmente no que tange aos processos afrodiaspóricos e a preservação das tradições orais africanas (Macedo, 2010, p. 43). Principal fonte de preservação de um patrimônio cultural imaterial, o “eu lírico” suburbano representa vozes ancestrais historicamente silenciadas. Considerados “*griots* do terceiro milênio” (Souza, 2009, p. 65), os *rappers* possuem um saber onírico, pois a realidade os obriga

a sonhar. Munidos de rimas, denunciam um sistema absolutamente excludente – desafiando a ordem. No clamor fatalista ou na quimera otimista de seus versos, encontram mínimo alento para as desigualdades sofridas, “Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco/ Ser empresário não dá, estudar nem pensar/ [...] Será instinto ou consciência/ Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência?” (Racionais MC's, *A Vida é Desafio*, 2002).

Artefatos culturais como a música produzem significados ligados ao poder e à identidade (Hall, 2003; Kellner, 2001), servindo como dispositivos de resistência em contextos de subsistência. Através do Circuito da Cultura (Du Gay *et al.*, 1997), o *rap* dos Racionais MC's é analisado como um artefato pedagógico e um acervo histórico da população negra periférica. Esse modelo analítico (Lisboa Filho; Moraes, 2014) integra as esferas de produção e recepção, demonstrando como as representações midiáticas geram identidades e regulam a vida social. Assim, a obra em questão transcende o entretenimento, permitindo que os sujeitos se apropriem das mensagens e as decodifiquem – etapa que completa o ciclo de produção de sentidos por meio do consumo (Coiro Moraes, 2016, p. 34).

Fundamental neste processo, a representação contrapõe-se ao racismo estrutural que utiliza a linguagem para inferiorizar o “outro” racializado (Hall, 2016). Assim, o *rap* propõe autorrepresentações legítimas – uma construção sócio-histórica atravessada pela diáspora e por disputas de poder, onde as rimas contemporâneas reativam tradições orais residuais (Hall, 2003). O *rapper*-narrador relata a dor e o sofrimento associado à sua própria identidade – “por isso, os textos não poderiam ser marcados por leveza”. Para Vianna (2008, p. 98-99),

O papel do *rapper*-narrador é falar o que passa a ser indizível (a condição de negro) e abrir a ferida que passa do corpo para o plano do

pensamento. O *rapper*-narrador quer fazer o sujeito negro voltar a pensar em sua negritude.

Nesse cenário, o *rap* do Racionais MC's estabelece uma estética identitária singular que, ao possibilitar novas formas de autorrepresentação, afirma a identidade e eleva a autoestima da população negra periférica (Gutierrez, 2016a). Refutando o essencialismo, Hall (2003) define a identidade negra como uma construção sócio-histórica plural, moldada pela diáspora e por disputas de poder. Ao fundir tradições orais residuais com rimas atuais, o *rap* torna-se uma narrativa contra-hegemônica. Segundo Jesus (2009, p. 13),

No seu contexto narrativo, o *rap* apresenta parte da história de um Brasil oculto, real, longe da cidade asfaltada. Sua arte é meio de informação e difusão de uma realidade social em que a violência e exclusão formam o pano de fundo para a tragédia humana. Por outro lado, o *rap* é um meio de afirmação da identidade social e da história daqueles grupos que são retratados nas letras musicais, tendo se transformado numa das marcas culturais desses segmentos sociais. O *rap* conta o cotidiano, a vida de seus atores enquanto pessoas reais, mostra sem pudor o descaso, a violência, a dor suportados para que a sociedade estabelecida permaneça. (Jesus, 2009, p. 13)

O consumo das narrativas de existência e resistência presentes no *rap*, democratizadas pelo acesso irrestrito às mídias digitais, assume um caráter pedagógico entre os jovens adeptos deste gênero musical. Ao recomendar saídas em canções como “*Eu Sou 157*” (referência ao artigo do Código Penal Brasileiro que penaliza o crime de roubo), trechos como “*E aí, molecadinha, tô de olho em vocês, hein?/ Não vai pra grupo, não, a cena é triste/ Vamos estudar, respeitar o pai e a mãe e viver,*

viver! Essa é a cena” (Racionais MC’s, 2002), ensinam a importância dos estudos e do respeito à família. Essas podem ser consideradas estratégias para não morrer em uma sociedade que, só no ano de 2023, permitiu que 13 jovens fossem assassinados por dia (Senado Notícias, 2024). Elencar tais vulnerabilidades confere legitimidade ao discurso do *rapper*-narrador. Assim,

[...] os Racionais MC’s rompem com o regime de autoridade discursiva, que historicamente garantiu a legitimidade dos discursos da branquitude, e quebram o silenciamento que foi imposto sobre nós. Ao falarem e se colocarem como sujeitos, os Racionais nos lembram que devemos ter a ousadia de falar e, a partir disso, sonhar novos mundos possíveis, pois somos grandiosos e capazes de acessar todo e qualquer lugar que ultrapasse o poder da imaginação. (Silva, 2022).

Dessa maneira, ao transcender o mero entretenimento, o consumo do gênero musical *rap* ganha novas dimensões com as mídias digitais. Compreendida como a receptora do produto, a audiência do Racionais MC’s nas plataformas (re)produz conteúdos musicais que, rapidamente, viralizam. Tal habilidade é consequência dos avanços tecnológicos que experimentamos na pós-modernidade, onde usuários são receptores aptos para a criação de conteúdos – partilhando significados (Lisboa Filho e Moraes, 2014, p. 77).

Nessa ótica, a recepção do *rap* dos Racionais MC’s permite a valorização dos sujeitos negros. Ao enfrentar os *Racistas Otários* (Racionais MC’s, 1993), o *rapper* resgata o orgulho da negritude (Racionais MC’s, 1993) e exalta suas origens (Racionais MC’s, *Fórmula Mágica da Paz*, 1997). Versos como “*Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal*” (Racionais MC’s, *Negro Drama*, 2002) dimensionam essa iniciativa de valorizar a negritude, marca presente ao longo da discografia do grupo.

Tal engajamento com a causa racial favorece uma identificação entre o público juvenil e os artistas, pois

além de ouvir as canções, por meio da ambiência coletiva no estilo *rap*, esses jovens assumem uma determinada conduta, vestimenta, modo de falar, de fazer música, assim como produzem narrações de auto identidade, pois se representam nas canções (Macedo, 2010, p. 31).

Segundo Gutierrez (2016a, p. 1), os *rappers* do Racionais MC's "elaboraram uma narrativa que afirma a identidade e eleva a autoestima da população negra periférica do Brasil" a partir daquilo que o autor identifica como "influências musicais diaspóricas". Conforme o próprio Brown, o disco *Nada como um dia após o outro dia* (Racionais MC's, 2002) exemplifica esse fenômeno: "Eu posso ter a pretensão de dizer que eu encarnei o espírito da periferia de São Paulo ali, mano. Todo o código." (Netflix, 2022).

Ao encarnar o "espírito da periferia", Mano Brown e seu grupo inauguraram, no início dos anos 2000, um movimento cultural que potencializou o surgimento daquilo que o *rapper*, em entrevista, denominou como "coletivos" (Netflix, 2022). Como a produção do Racionais não se restringia a um mero estilo ou aparência, ainda hoje observamos o efeito desse *rap* entre a audiência da favela, particularmente nas mídias digitais e sociais. É o caso do vídeo publicado pelo criador de conteúdo digital Mateus Fernandes a respeito da mostra *Quinto Elemento*, exposição imersiva no Museu das Favelas (SP) que celebrou os 35 anos de carreira do quarteto. No referido material (Instagram, 2026a), o influenciador reuniu depoimentos de moradores da favela que atribuem ao Racionais MC's aquilo que ele denomina como "educação das ruas" (Instagram, 2026a).

Figura 1 – Captura de tela do vídeo de Mateus Fernandes sobre o Racionais MC's



Fonte: Instagram (2026a)

No referido vídeo, os entrevistados relatam a transformação em suas vidas a partir da música do Racionais MC's. Seja nos estudos, na carreira ou no letramento racial adquirido, os jovens atribuem diferentes sentidos ao *rap* do grupo como, por exemplo, o empoderamento negro. Um dos participantes vai mais além ao confidenciar que o Racionais foi o pai que ele não teve, salvando-o (Instagram, 2026a).

Neste sentido, o *rapper* propõe padrões de comportamento e a constituição de uma identidade que se apresenta como estratégia

para lidar com essa realidade, que é construída e fundamentada nas experiências cotidianas, com a segregação social e étnica, e pela apropriação do que o *hip-hop* tem construído enquanto conhecimento na via informal. (Macedo, 2010, p. 133).

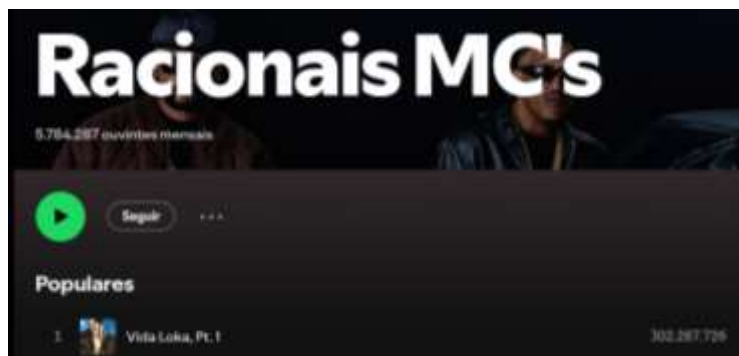
Quando superam as vulnerabilidades socialmente impostas, os integrantes do Racionais MC's educam seu público para outras possibilidades. Ao fornecer condições simbólicas para que os jovens negros da periferia resistam e existam, o *rap* produzido pelo Racionais MC's transcende o âmbito musical, configurando-se como um repositório de narrativas que articulam existência e resistência.

Logo, o *rapper*-narrador consagra-se como aquele que transforma a vivência individual em testemunho compartilhado (Benjamin, 1994, *apud* Vianna, 2008, p. 18) e, por meio do *rap*, mobiliza a audiência de diferentes gerações que consomem esse gênero musical. Para Coutinho e Quartiero (2009, p. 56), “a dimensão que o consumo assume na vida prática e na produção de significados” é o que “nos homogeneíza”, afinal existimos quando consumimos.

Sem se abster da relevância social do seu discurso, o Racionais MC's assumiu a responsabilidade de cantar sobre e para a periferia, tendo suas próprias experiências como matriz para composições que, segundo o público, direcionaram a juventude negra periférica para um caminho de possibilidades mais prósperas (Instagram, 2026a). Conhecimento que extrapola os currículos escolares, o saber empírico de Mano Brown, nascido e criado por sua mãe na periferia de São Paulo, esteve endereçado, desde sempre, àqueles que se identificam com sua condição de homem negro vítima das desigualdades: “Pô, eu quero que os pretos me ouçam. Eu preciso que eles me ouçam. Eu preciso entrar no coração.” (Netflix, 2022). Os milhões de ouvintes mensais e a vasta audiência digital demonstram que Brown obteve êxito em seu sonho, assim

como KL Jay – cuja ambição era de fazer música para "pretos" e "oprimidos" (Netflix, 2022).

Figura 2 – Captura de tela do perfil do Racionais MC's na plataforma Spotify



Fonte: Spotify (2026).

Produzido para os "pretos" e comprometido com a denúncia das assimetrias de um sistema racialmente enviesado, o *rap* dos Racionais MC's permite que jovens periféricos processem desilusões através de um repertório crítico. Este artigo examina como esse consumo em plataformas digitais e perfis de influenciadores digitais ensina modos de ser e viver. Sob a ótica das pedagogias culturais (Steinberg, 1997; Camozzato, 2014), o estudo utiliza postagens de redes sociais para demonstrar o impacto formativo do grupo nas trajetórias individuais e coletivas da periferia.

SOBRE *RAP*, PRODUÇÃO DE SENTIDOS E POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS

“Se apegue no estudo/ Educação é a flecha, o caminho é o escudo.” (Crioulo Doido, Vem Comigo, 2006).

As pedagogias culturais (Sabat, 1997) enriquecem a análise sobre os múltiplos sentidos do *rap*. Ao regular condutas e produzir identidades e saberes, as pedagogias consolidam o Racionais MC's como autoridade acadêmica na descrição e denúncia ao racismo estrutural. Ao produzirem novos sentidos sobre a negritude, o grupo integra a leitura obrigatória do vestibular da Unicamp com o livro *Sobrevivendo no Inferno* (Companhia das Letras, 2018). O álbum homônimo de 1997 documenta a periferia paulistana sob uma ótica visceral, tendo vendido cerca de 1,5 milhão de cópias originais (Estratégia Vestibulares, 2023). Como material didático, a obra oferece uma perspectiva alternativa à criminalidade, rompendo com o estigma midiático da favela como território exclusivamente ameaçador. No site da Amazon (2026), plataforma onde o livro é vendido, consta (na descrição do produto) se tratar de uma obra “atual como nunca”, sendo “a imagem mais bem-acabada de uma sociedade que se tornou humanamente inviável” (Amazon, 2026).

Opção mais vendida na Amazon na categoria música – totalizando uma avaliação de 4,8 estrelas entre 5.412 consumidores –, o livro conta com o comentário do poeta Sérgio Vaz, que sublinha a relevância social da obra: “Foi com *Sobrevivendo no Inferno* que a juventude negra e periférica se formou. Por causa deste disco muita gente se graduou em autoestima e não entrou para a faculdade do crime.” (Amazon, 2026).

No campo acadêmico, a Unicamp validou a obra do grupo através da disciplina *Racionais MC's no Pensamento Social Brasileiro* (Unicamp, 2022). A ementa destaca o *rap* como registro das dinâmicas e desigualdades periféricas, validando a presença do quarteto em espaços de formação de opinião e na produção científica (Unicamp, 2022). Assim, o histórico do grupo — entre censuras e referências afrodiaspóricas — torna-se instrumento essencial para compreender a realidade do país (Unicamp, 2022).

Nas mídias digitais, identificamos um profuso consumo do *rap*. Terceiro lugar global (Portal *Rap* Mais, 2023), o Brasil é campeão de audiência neste gênero musical tão popular nas periferias. Tal recepção viabiliza o aspecto pedagógico da obra dos Racionais MC's: a produção de sentidos sobre a condição do sujeito negro no Brasil. Os Racionais MC's produzem percepções da negritude que desafiam preconceitos. Em *A Vida é Desafio* (2002), o grupo denuncia o atraso social da escravidão, porém oferece um antídoto ao definir o sujeito negro como "imbatível".

Essa narrativa possibilita autorrepresentações legítimas que transformam o sofrimento em pensamento crítico – valorizando a existência periférica (Vianna, 2008). Ao narrarem dores e vivências, os *rappers* validam o *rap* como artefato cultural e pedagógico inserido na história (Gregolin, 2008, p. 13). Uma vez que a aprendizagem extrapola a escola, a música torna-se um reduto de novos sentidos. Por meio de pedagogias culturais que forjam sujeitos (Camozzato, 2014), as mídias digitais (re)produzem identidades e regulam condutas juvenis em comunidades virtuais.

Jovens hiperconectados ressignificam a obra dos Racionais MC's ao se apropriarem dela. Conforme Hall (2003), a audiência decodifica as mensagens codificadas pelo produtor a partir de seus próprios referenciais (Lisboa Filho; Moraes, 2014, p. 69). Nessa simbiose, o público reinventa as rimas com afeto (Instagram, 2026a) e lições favoráveis aos estudos (*Crime vai e vem*, 2002) são assimiladas por jovens como Mateus Fernandes – criador de conteúdo que atribui novos sentidos ao livro *Sobrevivendo no Inferno* (2018).

Figura 3 – Capturas de tela do vídeo publicado por Mateus Fernandes sobre o Racionais MC's



Fonte: Muniz, 2025.

Ao empunhar o livro como uma arma de fogo, Mateus Fernandes faz referência a pelo menos dois outros sentidos: ao potencial bélico do *rap* – “*Meu delito, um rap que atira consciência/ É crime hediondo a favela de influência*” (Racionais MC's, Na Fé Firmão, 2002); e à violência que espreita a periferia – “*A arma de fogo impõe respeito/ No submundo da metrópole é desse jeito*” (Racionais MC's, *Expresso da Meia-Noite*, 2002). Ao retratar as consequências do crime, o *rap* do Racionais MC's opera enquanto uma “arma” cultural de combate à violência e às drogas. Ao rejeitar o título de artista, Brown dispara: “Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista.” (Kehl, 1999, p. 96). Característica dos shows do grupo, os discursos de Mano Brown em suas apresentações comprovam essa prática controversa:

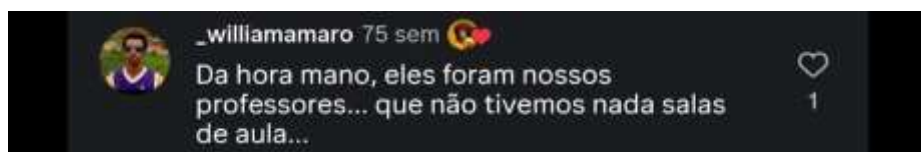
Não tem jeito, o sistema é assim. A gente quer o nosso povo longe do álcool, longe da farinha, longe do crack, longe do crime. Mas tem gente que quer ver o nosso povo cada vez mais dentro, pra morrer mais mano nosso. E os *playboys* cada vez mais no poder e o nosso povo cada vez mais se fudendo. E quando você fala

que não quer isso, você é um cara perigoso. (Netflix, 2022).

Apelidados como “Os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil” (Caramante, 2013), os *rappers* “aterrorizaram” o sistema ao denunciarem o racismo e a violência institucionais – sofrendo os impactos desse posicionamento artístico. Em depoimento, Ice Blue relembra um episódio em que, após o *show* do Racionais, o grupo foi encaminhado para a delegacia – circunstância que evidencia a censura à época (Netflix, 2022).

Quando segura o *canudo* – símbolo da formação escolar – o influenciador digital Mateus Fernandes produz outro sentido sobre o Racionais MC’s que não aquele associado apenas ao sofrimento. Ao ilustrar a redenção dessa conquista, o jovem representa sua própria escolha pela graduação – recordando que uma das mais eficientes “armas” contra a criminalidade é o estudo. Como ouvinte e criador de conteúdo, Fernandes ressignificou a narrativa dos Racionais ao exaltar a educação (Instagram, 2026a). Ao atribuir sua formação acadêmica ao grupo, ele o legitima como “professor” de uma juventude que encontra no *rap* um potencial formativo – como ilustra o comentário de @_williamamaro:

Figura 4 – Captura de tela de comentário no vídeo publicado por Mateus Fernandes



Fonte: Instagram (2026a).

Ante a omissão estatal, o *rap* educa a juventude através das pedagogias culturais, propondo saídas alternativas. Relatos como o de @andrecavaleiro e outros fãs do grupo corroboram essa transformação.

Figura 5 – Captura de tela de comentários no vídeo publicado por Mateus Fernandes



Fonte: Instagram (2026a).

Mesmo sem instrução formal (Racionais MC's, 2002), jovens negros educam-se pelas narrativas de resistência do grupo, cujos integrantes também foram forjados na exclusão periférica (Gutierrez, 2016b, p. 73):

Essa imagem reforça a ideia da periferia como um espaço que guarda feições de gueto racializado, onde há relação evidente entre cor, renda e escolaridade: quanto maior o número de não-brancos, maior a presença em áreas periféricas — especialmente nas favelas — e menor é a renda e a escolaridade. O movimento *hip-hop* paulistano e os Racionais são forjados neste *habitat* [...]. (Gutierrez, 2016b, p. 72-73).

Considerada uma contranarrativa da História brasileira (Instagram, 2026a), a música dos Racionais MC's rompe com o regime de autoridade da branquitude e o silenciamento periférico (Silva, 2022). Ao inverterem a lógica da predestinação ao crime, os "filósofos da favela" (Oliveira *et al.*, 2013) promovem autoestima, autocuidado e a valorização da família. O histórico dos próprios *rappers*, que evitaram a criminalidade por meio da arte e da educação (Caramante, 2013) – oportunidade oferecida aos integrantes através do Instituto Geledés (Gomes, 2025) – legitima esse discurso. Assim, para Macedo (2010), o *rapper* propõe padrões de comportamento e identidades como estratégias de enfrentamento à segregação social e étnica, fundamentadas no conhecimento construído pela via informal do *hip-hop*:

Desde os primórdios do discurso *rap*, enquanto uma mensagem que visa conscientizar o público específico ao qual é direcionada, o *rapper* pode ser comparado a um educador, na medida em que se coloca como conhecedor e porta-voz da “verdadeira realidade”, sobretudo da periferia. Neste sentido, o *rapper* propõe padrões de comportamento e a constituição de uma identidade que se apresenta como estratégia para lidar com essa realidade, que é construída e fundamentada nas experiências cotidianas, com a segregação social e étnica, e pela apropriação do que o *hip-hop* tem construído enquanto conhecimento na via informal. (Macedo, 2010, p. 133).

Intitulado *Por que os Racionais salvam vidas?*, o vídeo da socióloga e vereadora goianiense Aava Santiago (PSDB) condensa as virtudes do Racionais MC's enquanto agentes ativos na educação antirracista brasileira. Em seu depoimento, a influenciadora digital – que possui mais de 700 mil

seguidores (Instagram, 2026b) – confessa: “Eu, nascida e criada na favela, só fui entender o racismo ouvindo Racionais”. Ao atribuir aos *rappers* o mérito de educá-la quanto ao racismo, Aava enumera outros feitos importantes do grupo – sucesso não mais medido por discos vendidos e, sim, por vidas salvas (Instagram, 2026b).

Figura 6 – Captura de tela do vídeo de Aava Santiago sobre o Racionais MC's



Fonte: Instagram (2026b).

Para Aava, o *rap* do Racionais funciona como uma “ferramenta de entendimento de Brasil”, um material “precioso do ponto de vista literário” (Instagram, 2026b). Para a parlamentar, a geração contemporânea tem o privilégio de viver no mesmo tempo desses músicos – os quais poderiam ter sido enterrados como vítimas do racismo institucional assim

como tantos outros jovens negros brasileiros. Na legenda da publicação, é possível ler:

Desde que a arte revolucionária do Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay mudou minha vida, cada microfone que segurei e cada chão de escola pública que pisei, como ativista e como parlamentar, se transformou em oportunidade de apresentar às novas gerações a magnitude e a sensibilidade de uma obra que não apenas denuncia o Brasil real, mas oferece consciência, dignidade e horizonte. Hoje, guiada pela consciência inaugurada por eles, sigo lutando por um Brasil onde nenhuma juventude negra precise sobreviver no inferno para existir. (Instagram, 2026b).

As pedagogias culturais (Sabat, 1997) fundamentam a potência pedagógica do Racionais MC's, cuja audiência nas mídias sociais ressignifica temas que vão da autovalorização negra à paternidade. Definidos como "professores" e "filósofos" (Instagram, 2026a), os *rappers* operam uma contranarrativa que subverte o viés racial e incentiva o estudo em vez da violência. No anseio por um outro futuro que não a morte precoce, o grupo fala para seu público "que não morra e também não mate" (Racionais MC's, *Negro Drama*, 2002) – celebrando o fato de estarem "vivão e vivendo" (Racionais MC's, *Vivão e Vivendo*, 2002).

O caráter pedagógico do Racionais MC's torna sua discografia essencial em espaços institucionais como o vestibular da Unicamp (2022). Para além da compreensão das desigualdades periféricas, o repertório serve como fonte de informação para elites que desconhecem as narrativas das margens. Esse espaço na formação escolar e não escolar (Unicamp, 2022) legitima-se pela autoridade do *rapper* que, ao narrar a resistência, testemunha a "experiência de violência cotidiana do contato com a morte" (Vianna, 2008, p.18).

Ao recriar a condição negra sob o racismo, o *rapper* produz sentidos a partir da miséria e da violência, convertendo-as em estratégias de sobrevivência – suas “*armas da vitória para a paz universal*” (Racionais MC’s, *Vivão e Vivendo*, 2002). Essa realidade confere legitimidade e autoridade ao *rapper*-narrador (Vianna, 2008, p. 18).

Nas redes sociais, figuras públicas como Mateus Fernandes e Aava Santiago demonstram como o *rap* dos Racionais MC’s exerce uma função pedagógica e transformadora sobre as juventudes periféricas. Para Ice Blue, a permanência do grupo original simboliza a própria sobrevivência e resistência diante de um contexto historicamente difícil: “*E através desses 30 anos de Racionais, estar vivo já é um bagulho impressionante. Estar os quatro vivos? Impressionante!*” (Netflix, 2022). A coroação do grupo com o título *doutor honoris causa* celebra não só a trajetória artística dos *rappers* como também a sobrevivência de quatro homens negros que, com seus arsenais de rimas, contrariaram todas as estatísticas (Racionais MC’s, *Capítulo 4, Versículo 3*, 1997).

RACIONAIS MC’S: DO TÍTULO *DOCTOR HONORIS CAUSA* À DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO

“É doutor, seu Titanic afundou/ Quem ontem era a caça hoje, pá, é o predador.” (Racionais MC’s, *Otus 500*, 2002).

Conforme demonstrado, a potencialidade formativa do *rap* produzido pelo Racionais MC’s reside na consistência da sua trajetória enquanto artistas engajados com as causas sociais. Quando analisamos a comercialização da sua música para um público específico e o consumo significativo deste gênero musical/artista nas mídias digitais (*Deezer*, 2026; *Spotify*, 2026; *Youtube Music*, 2026), percebemos que a representação positiva dos sujeitos periféricos produzida pelos *rappers* se trata, em termos de regulação, de um fenômeno que gera outras

percepções e sentidos acerca da identidade racializada e/ou marginalizada.

Seja pela capacidade do gênero musical em abordar questões sociais emergentes ou pela popularização do ritmo a partir dos anos 1990 – período de expressivo crescimento da criminalidade nas metrópoles e, conseqüentemente, do aumento da letalidade policial na favela –, o *rap* permanece como uma preferência do público brasileiro nas plataformas de música (Portal *Rap* Mais, 2023), com especial reconhecimento do legado do Racionais MC's nas mídias sociais (Instagram, 2026a). Ao utilizar estratégias discursivas como a ironia, a linguagem artística do grupo ao longo de quase quatro décadas de trabalho se mostra capaz de cativar “multidões de jovens” (Fernandes; Herschmann; Gutierrez, 2016, p. 52) – motivo da sua “carreira de sucesso comercial e reconhecimento da crítica” (*ibidem*).

Ao emanciparem-se da condição de “presas” de um sistema estruturado pelo preconceito, a produção de novos sentidos sobre os dramas negros faz do Racionais MC's artistas “predadores” quando se trata da pauta racial – devorando simbolicamente seu algoz. A emblemática frase de Mano Brown “*Eu vim da selva, sou leão/ Sou demais pro seu quintal*” (Racionais MC's, *Negro Drama*, 2002) ataca instituições acostumadas a subordinar corpos negros que, apesar de livres, são reféns da precarização do trabalho, da pobreza sistêmica e da criminalidade. A resposta negra à modernidade vem, em grande parte, por meio da arte – cuja principal manifestação concentra-se no *hip-hop*, movimento cultural que “salvou uma geração de jovens pretos no mundo que estava fadada a morrer muito cedo e ir pra cadeia” (KL Jay, 2016).

Os membros do Racionais MC's, vistos como artistas-filósofos (Faria, 2018) e educadores, utilizam linguagens próprias da periferia para ensinar estratégias de sobrevivência a partir de sua autoridade de fala. Ao transformarem vivências de morte em testemunhos compartilhados sobre o luto, a melancolia e o trauma (Benjamin, 1994, p. 207, *apud* Vianna,

2008, p. 18), os *rappers* reafirmam o caráter pedagógico de suas composições – as quais atuam como instrumentos fundamentais de letramento racial (Gomes, 2012) para as massas.

Para Nilma Lino Gomes (2012), o letramento racial é um processo educativo de reflexão crítica e desconstrução de estereótipos que reconhece as desigualdades como construções históricas e políticas. Nesse contexto, as composições dos Racionais MC's atuam como práticas culturais antirracistas que complementam currículos escolares eurocêntricos.

Ao narrarem a existência e a resistência da periferia, os *rappers* fornecem ferramentas pedagógicas para a compreensão do Brasil colonial e contemporâneo, servindo como uma alternativa à educação formal que muitas vezes falha ao preservar discursos coloniais. Assim, a obra do grupo promove a descolonização do currículo e o empoderamento identitário, alinhando-se às conquistas históricas de direitos – como a Lei nº 10.639/03 – e narrativas reivindicadas pelo Movimento Negro: “mais um passo no processo de descolonização do currículo. Esse processo resulta na construção de projetos educativos emancipatórios e, como tal, abriga um conflito [...]” (Gomes, 2012, p. 107).

Segundo a referida autora, nesse processo de descolonização o conflito é o pilar de uma pedagogia emancipatória. Capaz de gerar indignação contra modelos dominantes, o *rap* confronta o sofrimento histórico. Nesse contexto, as narrativas de resistência dos Racionais MC's funcionam como um modelo epistemológico alternativo à educação formal, promovendo saberes que validam existências marginalizadas. Assim, o grupo converte traumas em testemunhos compartilhados (Vianna, 2008) – o que permite que a juventude negra se reconheça e assuma seu protagonismo social e identitário.

A recente titulação recebida pelo Racionais MC's é um exemplo autêntico do protagonismo negro e, nas palavras de

Mano Brown, do quanto “é bom se ver de fora” (IG, 2025) dos padrões hegemônicos. Concedido em 2025 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o título de *doutor honoris causa* reforça a autoridade dos *rappers* no que se refere às discussões raciais. Reconhecimento público à notoriedade da produção musical do grupo, a titulação simboliza a “graduação” de quatro sujeitos negros que sobreviveram ao sistema – feito que dispensa diplomas, mas requer sabedoria.

Figura 7 – Integrantes do Racionais MC's recebem título de doutor honoris causa



Fonte: Patrícia Domingos, IG (2025).

Primeiro grupo de *hip-hop* a ganhar o título inédito, a honraria é um reconhecimento à atuação política dos integrantes “no combate ao racismo e às violências sociais existentes no país”, sendo esta distinção honorífica a coroação da trajetória dos artistas enquanto “intelectuais públicos que dialogam com o pensamento social brasileiro” (Unicamp, 2023). Numa perspectiva afrodiaspórica, Gutierrez (2016b, p. 52) avalia que os membros do Racionais são “efetivos intelectuais negros”, pois a música – instrumento filosófico em ação – é “uma das mais poderosas respostas negras à modernidade [...]” (Gutierrez, 2016b, p. 52).

Durante seu discurso na cerimônia de outorga do Racionais MC's, Nilma Lino Gomes – madrinha do grupo e professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG – afirmou: “O título de *doutor honoris causa* da Unicamp faz jus a tudo que vocês representam e movimentam em São Paulo, no Brasil e além. A Unicamp sairá engrandecida dessa cerimônia ao fazer justiça aos saberes desse grupo, forjados na luta [...]” (Facebook, 2025).

Para KL Jay, integrante do Racionais e crítico tenaz do sistema, a titulação representa a quebra de uma hegemonia acadêmica. Na ocasião, ao agradecer à instituição, o *DJ* reforçou a ousadia do grupo docente: “Agradecer ao reitor, aos professores doutores, à própria faculdade pela ideia, pela coragem de quebrar essa barreira preconceituosa... Dessa barreira, aqui, colonial, né? Que sempre deu só espaço para os brancos.” (Facebook, 2025). Para Muniz (2025, p. 167), o *rap* do Racionais MC's não só denuncia as violências estruturais como também desafia estereótipos coloniais.

A trajetória de Mano Brown, marcada tanto pela necessidade de “matar a fome” quanto pelo sentimento de exclusão no ambiente escolar, reflete a desigualdade estrutural que gera a evasão de milhões de jovens periféricos no Brasil. Em um país onde 9,1 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade são analfabetas (IBGE, 2024), a linguagem empregada pelo Racionais MC's em seu *rap* tem muito a ensinar sobre autoestima e resiliência. Para Brown, “A única ambição [...] era de que, quando os pretos ouvissem a gente, alguma coisa aconteceria.” (IG, 2025) – e isso, de fato, foi possível através de músicas que marcaram gerações.

Figura 8 – Captura de tela do discurso de Mano Brown durante cerimônia da Unicamp



Fonte: Unicamp, Facebook (2025).

O *rap* do Racionais MC's possibilitou que pessoas negras como Luciane Geanini, mulher de origem humilde, se inspirassem nas composições dos artistas e transformassem seus destinos. Ao encontrar KL Jay nas ruas da cidade gaúcha de Pelotas, Luciane explica a influência do grupo: “E pensar o quanto vocês traziam pra gente, como mensagem de transformação, por condições melhores e educação. Eu estudei [...] Eu fiz odontologia. Hoje sou professora na Universidade Federal de Pelotas!”. Emocionado, o *DJ* – que estava a trabalho na cidade – abraçou a fã e vibrou: “Aê, porque ouviu nós, caralho! Pára de chorar que eu também choro, assim.” (Dias, 2025).

Compreendemos que o atravessamento do *rap* no campo educacional se dá de forma subjetiva, pois são múltiplos os fatores que condicionam a formação acadêmica dos jovens da periferia – tais como políticas públicas de acesso às universidades. A fluência do gênero musical junto ao público, contudo, parece desenvolver um letramento racial

extracurricular capaz de fornecer o protagonismo necessário para a transformação social. A julgar pelas interações dos fãs nas mídias digitais, as mensagens do Racionais MC's demonstram influenciar as escolhas de sujeitos que, familiarizados com a pobreza e a criminalidade, enxergaram outras possibilidades a partir do repertório do grupo.

Portanto, a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. [...] Esse processo poderá, portanto, ajudar-nos a descolonizar os nossos currículos não só na educação básica, mas também nos cursos superiores. (Gomes, 2012, p. 107-108).

Ao cantar os dramas raciais, o Racionais MC's mostra-se capaz de descolonizar o currículo através de uma discografia que vem educando gerações. Ao produzir novos sentidos sobre a negritude, os *rappers* incluem representações positivas do negro, o que fortalece suas identidades por meio do sentimento de pertencimento. Assim, o Racionais MC's demonstra produzir narrativas de superação – feito que se reflete no amplo consumo do gênero em plataformas digitais de música (Deezer, 2026; Spotify, 2026; Youtube Music, 2026). Seja através da produção independente dos anos 1990 ou da democratização do acesso às mídias digitais a partir dos anos 2000, o Racionais MC's extrapola meios tradicionais de regulação (Du Gay *et al.*, 1997), afinal dispensa as grandes gravadoras ou canais televisivos para seu sucesso comercial – reconhecido tanto pela crítica quanto pela academia.

Ao interpretar intimamente a realidade social que enfrentam e confrontam, o Racionais MC's fala de problemas que o currículo escolar insiste em negligenciar – assumindo um papel pedagógico que, formalizado através do título de *doutor honoris causa*, reforça o título concedido há muitos anos

pelos fãs a Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay: o de mestres do *rap* brasileiro.

PALAVRAS FINAIS: RACIONAIS MC'S, CONSUMO DE MÍDIAS E A “REVOLUÇÃO *ONLINE*”

As análises desenvolvidas buscaram demonstrar a potencialidade formativa do *rap* produzido pelo Racionais MC's, valendo-se de algumas atividades nas mídias digitais como material empírico. Seja através das métricas das plataformas de música e postagens de redes sociais, a audiência assídua do grupo no ambiente digital atribui significados importantes à produção cultural dos *rappers*, comparando-os a figuras de notório saber e dimensionando a importância do *rap* inclusive no debate político. Denominada por Mano Brown como “revolução *online*”, essa dinâmica nos espaços digitais demonstra ressignificar as representações hegemônicas da existência negra – educando sua audiência na tarefa cotidiana de resistir ao racismo: “A causa [racial] é maior que nós. Depois de nós, outros virão. Já chegaram, já estão aí, atuando de forma brilhante. Os jovens são o futuro. Vocês são a revolução *online*. A gente foi a faísca, lá na época das cavernas.” (Unicamp, 2025).

Diferentes gerações de fãs/consumidores da produção musical do Racionais MC's – jovens negros como Mateus Fernandes e mulheres negras como a docente Luciane Geanini – associam ao grupo o papel de agentes (co)responsáveis por sua formação acadêmica (Instagram, 2026a), reconhecimento que produz outros sentidos sobre a negritude periférica e suas possibilidades de existência. Nas mídias digitais, espaço democrático de acesso à informação, a importância desta instrução proporcionada pelo gênero musical *rap* evidencia o caráter pedagógico da discografia do Racionais MC's – uma literatura necessária não apenas na periferia, mas sobretudo em tradicionais espaços institucionais de ensino que, na contemporaneidade, precisam negociar com uma sociedade midiaticizada pautada em interesses pessoais:

O que temos hoje, em resumo, é uma escola que precisa negociar com uma sociedade midiaticizada em que a televisão e a internet expõem crianças e jovens a referências não lineares, distantes daquelas provenientes do saber escolar instituído e com as quais muitas vezes os alunos tomam para si a busca da informação, pautada, em grande medida, por seus interesses e desejos pessoais. (Coutinho; Quartiero, 2009, p. 62).

Por mais de trinta anos, o engajamento do Racionais MC's com as lutas raciais trouxe para o centro do debate o sujeito negro, conferindo-lhe protagonismo nas vozes e performances dos *rappers*. Referências para os jovens pretos e periféricos, os integrantes, através de suas rimas contundentes, documentaram a realidade da favela como os livros escolares não foram capazes de fazer. Conforme Coutinho e Quartiero (2009), os meios de comunicação de massa e as mídias representam, na contemporaneidade, ambientes de aprendizagem que desafiam a escola tradicional – a qual se recusa, muitas vezes, a legitimar os conhecimentos presentes nas mídias.

O *rap* do Racionais MC's vem cumprindo, portanto, a função de educar não só as juventudes periféricas, como também a elite. A presença da discografia do Racionais MC's no vestibular da Universidade Estadual de Campinas assim como na disciplina de graduação que aborda a “contribuição das obras do grupo para o pensamento social brasileiro” (Unicamp, 2022) culminaram na laureação dos *rappers* enquanto “intelectuais públicos”. Assim, o título de *doutor honoris causa* enfatiza esse potencial pedagógico, representando a ruptura de um currículo hegemônico a partir da validação das narrativas de existência e resistência dos artistas - conquistas que descolonizam um currículo tradicionalmente eurocêntrico.



REFERÊNCIAS

AMAZON. Livro **Sobrevivendo no Inferno**. Amazon, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/MTT4>. Acesso em: 26 mar. 2026.

BOOGIE NAIPE. **Histórico!** “Nada como um dia após o outro dia” se mantém há 227 semanas consecutivas no Top Álbuns Brasil do Spotify! 2025. Disponível em: <https://shre.ink/3Vrk>. Acesso em: 6 mar. 2026.

CAMOZZATO, V. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 39, n. 2, jun. 2014. Disponível em: <https://shre.ink/3Fbs>. Acesso em: 26 mai. 2026.

CARAMANTE, A. **Os quatro pretos mais perigosos do Brasil**. Rolling Stone Brasil, [on line] Artigos. 2013. Disponível em: <https://shre.ink/MgsX>. Acesso em: 2 mar. 2026.

CORREIO BRAZILIENSE. **Vai-Vai**: como é a ala com policiais vestidos de demônios. 2024. Disponível em: <https://shre.ink/3Vrw>. Acesso em: 6 mar. 2026.

COIRO MORAES, Ana Luiza. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/3Fbr>. Acesso em: 26 mai. 2026.

COUTINHO, L. M.; QUARTIERO, E. M. Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 47-68, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://shre.ink/3Fbb>. Acesso em: 26 mai. 2026.

CRIOULO. **Vem comigo**. São Paulo: SkyBlue Music, 2006. (4'45")



CRIOULO. **Esquiva da Esgrima**. São Paulo: Oloko Records, 2014. (4'20")

DEEZER. Racionais MC's. 2026. Disponível em:

<https://shre.ink/3VIa>. Acesso em: 26 mar. 2026.

DIAS, A. C. Vídeo com professora da UFPel emociona fãs de KL Jay. **A Hora do Sul**, Pelotas, Abril/ 2025,

Representatividade. Disponível em: <https://shre.ink/3FDT>.

Acesso em: 20 mai. 2026.

DU GAY, P. et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. London: Sage, 1997.

ESTRATÉGIA VESTIBULARES. **Sobrevivendo no Inferno**.

2023. Disponível em: <https://shre.ink/3VIk>. Acesso em: 26 mar. 2026.

FACEBOOK. **Racionais MC's recebem título de doutor**

honoris causa em cerimônia na Unicamp. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/3VIr>. Acesso em: 26 mai. 2026.

FARIA, P. P. Racionais Mc's e Paulo Freire: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90. **XXIV Encontro Estadual ANPUH — História e Democracia: precisamos falar sobre isso**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/3FEE>. Acesso em: 26 mai. 2026.

FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M.; GUTIERREZ, G.

Entre o corte da espada e o perfume da rosa: uma estética da existência no rap dos Racionais MC's. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 8, n. 16, 2016. Disponível em:

<https://shre.ink/3FbV>. Acesso em: 26 mai. 2026.



G1. Disco dos Racionais é presente da prefeitura de São Paulo para o Papa. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/3VIS>. Acesso em: 26 mai. 2026.

GOMES, N. L. Racionais MC's recebem título de doutor honoris causa da Unicamp. Portal Geledés, 2025. Disponível em: <https://shre.ink/ehL1>. Acesso em: 16 mar. 2026.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://shre.ink/3Fbk>. Acesso em: 26 mai. 2026.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação Mídia e Consumo, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 11–25, 2008. Disponível em: <https://shre.ink/3VIZ>. Acesso em: 26 mai. 2026.

GSHOW. Famosos homenageados em show da Madonna agradecem por serem lembrados. Disponível em: <https://shre.ink/3VIR>. Acesso em: 26 mai. 2026.

GUTIERREZ, G. Agenciamentos políticos no rap dos Racionais MC's: o Atlântico Negro e a estilização da vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016a, São Paulo. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, 2016a. Disponível em: <https://shre.ink/3Fb0>. Acesso em: 26 mai. 2026.

GUTIERREZ, G. Efeito Colateral que o seu Sistema fez: O rap político dos Racionais MC's e a cidade de São Paulo. Revista Sociologia em Rede, [S. l.], v. 6, n. 6, 2016b. Disponível em: <https://shre.ink/3Fb4>. Acesso em: 26 mai. 2026.



HALL, S. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 387-404.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2016.

IBGE. **Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta**. 2024. Disponível em: <https://shre.ink/3VfQ>. Acesso em: 5 mar. 2026.

IG. **Racionais MC's recebem honoris causa: 'é bom se ver de fora'**. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/3VfI>. Acesso em: 26 mai. 2026.

INSTAGRAM. **Mateus Fernandes (@omateuso)**. 2026a. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDKTKG4OcTm/>. Acesso em: 26 mai. 2026.

INSTAGRAM. **Aava Santiago (@aavasantiago)**. 2026b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DRSNsCdkaoF/>. Acesso em: 26 mai. 2026.

INSTAGRAM. **Mano Brown (@manobrown)**. 2026c. Disponível em: <https://www.instagram.com/manobrown/?hl=pt>. Acesso em: 26 mai. 2026.

ISTO É. **Emicida: homenagem aos Racionais MC's em novo álbum**. [s.d.]. Disponível em: <https://shre.ink/3FbP>. Acesso em: 26 mai. 2026.



JESUS, I. C. A. O discurso sobre as violências no grupo de rap Racionais MC's. 2009. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Criminais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/3Fvu>. Acesso em: 26 mai. 2026.

KEHL, M. R. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, 1999. Disponível em: <https://shre.ink/3FbH>. Acesso em: 26 mai. 2026.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.
KL JAY. **KL Jay, rap e espiritualidade**. Canal Trip TV, YouTube, 2016. (16min54seg). Disponível em: <https://shre.ink/3Fgl>. Acesso em: 26 mai. 2026.

LISBOA FILHO, F. F.; MORAES, A. L. C. Estudos Culturais aplicados a pesquisas em mídias audiovisuais: o circuito da cultura como instrumental analítico. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 41, n. 42, p. 67–86, 2014. Disponível em: <https://shre.ink/3JAY>.

MACEDO, I. O discurso musical rap: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010. Disponível em: <https://shre.ink/3FgH>.

MUNIZ, A. R. S. “Nada como um dia após o outro dia”: narrativas pedagógicas de existência e resistência no álbum do grupo de rap Racionais MC's. 2025. 272p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008. Disponível em: <https://shre.ink/3JA0>.

NETFLIX. **Racionais: das ruas de São Paulo pro mundo**. São Paulo: Juliana Vicente. Preta Portê Filmes. 2022.



PORTAL RAP MAIS. **Brasil é o terceiro país que mais ouve rap em todo o mundo**, segundo Spotify. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/3J5Z>. Acesso em: 26 mai. 2026.

PRETA PORTÊ FILMES. **Prêmio ABC 2023: Conheça os Vencedores**. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/3Fg2>. Acesso em: 26 mai. 2026.

RACIONAIS MC'S. *A Vida é Desafio*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (7'15")

RACIONAIS MC'S. *Capítulo 4, Versículo 3*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. (8'07")

RACIONAIS MC'S. *Expresso da Meia-Noite*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (5'22")

RACIONAIS MC'S. *Fórmula Mágica da Paz*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. (10'42")

RACIONAIS MC'S. *Júri Racional*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. (4'47")

RACIONAIS MC'S. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. 2 CD's.

RACIONAIS MC'S. *Na Fé Firmão*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (6'29")

RACIONAIS MC'S. *Negro Drama*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (6'51")

RACIONAIS MC'S. *Otus 500*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (2'12")

RACIONAIS MC'S. **Vivão e Vivendo**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. (1'59").

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 disco.

RACIONAIS MC'S. **Racistas Otários**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. (5'50")

SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 9-21, 1997. Disponível em: <https://shre.ink/3Fgs>.

SENADO NOTÍCIAS. **Brasil tem 5 mil crianças e adolescentes assassinados por ano**. 2024. Disponível em: <https://shre.ink/366G>. Acesso em: 12 mai. 2026.

SILVA, L. G. **Os Racionais me ensinaram a ler o mundo**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/3Fgf>. Acesso em: 26 mar. 2026.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/3FgM>. Acesso em: 26 mar. 2026.

SPOTIFY. **Mano a Mano**. Podcast. [s.d.]. Disponível em: <https://shre.ink/3609>. Acesso em: 26 mai. 2026.

SPOTIFY. **Racionais MC's**. 2026. Disponível em: <https://shre.ink/360r>. Acesso em: 26 mai. 2026.

STEINBERG, S. R. **Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações**. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C.; SANTOS, E. S. (org.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98-145.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp).
Ementa de disciplina Racionais MC's no Pensamento Social Brasileiro. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/360S>.
Acesso em: 26 abr. 2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp).
Outorga do título de doutor honoris causa ao Racionais MC's. Campinas: Unicamp, 2023. Disponível em:
<https://shre.ink/360u>. Acesso em: 6 mar. 2026.

VIANNA, C. C. Movimento Hip Hop paulistano: a produção artística dos Racionais MC's. 2008. **Tese** (Doutorado em Letras-Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em:
<https://shre.ink/3FMy>.

YOUTUBE MUSIC. Racionais MC's. 2026. Disponível em:
<https://shre.ink/360E>. Acesso em: 2 mar. 2026.

Recebido em 31 de maio de 2026.

Aprovado em 22 de julho de 2026.